

# **A narrativa dos viajantes pelo Piauí: uma aproximação com a Teoria da Estética da Recepção**

***Las narrativas de los viajeros a través del Piauí: una aproximación a la teoría de la estética de la recepción***

***The narrative of travelers in Piauí: an approximation with the theory of reception aesthetics***

***Marina Lages Gonçalves Teixeira***

*Universidade de São Paulo, São Carlos, Brasil. marinalages@usp.br*

***Maria Ângela Pereira e Castro Bortolucci***

*Universidade de São Paulo, São Carlos, Brasil. mariacsb@sc.usp.br*

## Resumo

O artigo busca uma aproximação com a Teoria da Estética da Recepção, iniciada por Hans Robert Jauss, para discutir a narrativa dos viajantes que passaram pelo território do Piauí. Aqui tratamos os mesmos como leitores desse espaço definido enquanto literatura e utilizamos como estudo de caso as viagens de Artur Neiva e Belisário Penna, em 1912, e de Paulo Thedim Barreto, em 1938.

**Palavras-Chave:** Narrativa. Viajantes. Piauí. Estética da recepção. Hans Robert Jauss.

## Resumen

El artículo busca una aproximación a la Teoría de la Estética de la Recepción, iniciado por Hans Robert Jauss, para discutir la narrativa de los viajeros que pasaron por el territorio de Piauí. Aquí los tratamos como lectores de ese espacio definido como literatura; utiliza como caso de estudio los viajes de Artur Neiva y Belisário Penna, en 1912, y Paulo Thedim Barreto, en 1938.

**Palavras-Clave:** Narrativa. Viajeros. Piauí. Estética de la recepción. Hans Robert Jauss.

## Abstract

The article intends to approach the Theory of Aesthetics of Reception, started by Hans Robert Jauss, to discuss the narrative of the travelers who passed through the territory of Piauí. Here we treat them as readers of that defined space as literature; uses as a case study the travels of Artur Neiva and Belisário Penna, in 1912, and Paulo Thedim Barreto, in 1938

**Keywords:** Narrative. Travelers. Piauí. Reception Aesthetics. Hans Robert Jauss.

## INTRODUÇÃO: UM PARALELO COM A TEORIA DA RECEPÇÃO ESTÉTICA DE HANS ROBERT JAUSS<sup>1</sup>

**Q**ual é Brasil dos sertões? O que é sertão? Onde é o sertão? O que delimita o sertão? Qual a narrativa dos sertões? O Piauí é sertão? O sertão piauiense faz parte da grande narrativa? O sertão piauiense seria diferente do resto do Brasil dos sertões?

Pretende-se aqui uma aproximação com a teoria da recepção estética, de Hans Robert Jauss<sup>2</sup>, para analisar o discurso e a narrativa dos viajantes que

---

<sup>1</sup> O presente artigo foi parcialmente desenvolvido durante avaliação da disciplina de pós-graduação na FAU USP, *Museu: uma abordagem histórica*, sob orientação da professora doutora Maria Cecília França e supervisão da professora doutora Amanda Ruggiero. Faz parte ainda da pesquisa de doutorado “Sertão Piauí: a construção do sertão piauiense a partir da literatura de viagem” em desenvolvimento no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – PPGAU-IAUUSP, orientado pela professora doutora Maria Ângela Bortolucci.

<sup>2</sup> Hans Robert Jauss, alemão, foi professor de Ciência da Literatura na Universidade de Constança, nasceu em 1921 e faleceu em 1997. “Tornou-se conhecido, sobretudo a partir de 1955, com sua tese de doutorado Tempo e Lembrança em ‘A la Recherche du Temps Perdu’ de Marcel Proust: uma contribuição à teoria do romance”. (FIGURELLI, 1988, p. 265) Na década de 1960, o autor introduz uma nova discussão acerca da historiografia da literatura, a partir do ponto de vista do leitor, a estética da recepção, a qual buscamos nesse artigo estabelecer um paralelo. Jauss tem inúmeros trabalhos sobre literatura medieval, autores franceses, interpretação hermenêutica e experiência estética. Nos anos 1990 e nas décadas seguintes

passaram pelo território do Piauí, e para estudo de caso selecionamos duas viagens: a *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás* (sic), tendo como responsáveis os médicos Arthur Neiva e Belisário Penna, através da Inspeção de Obras Contra as Secas (IOCS); e a viagem ao Piauí, através do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), realizada pelo arquiteto Paulo Thedim Barreto. A primeira viagem é divulgada em 1916, por meio do relatório escrito por Artur Neiva, que conta com 179 páginas e 116 fotografias e segundo Mello (2009), o Instituto Oswaldo Cruz tem catalogados 200 registros fotográficos dessa expedição. A segunda viagem é publicada em 1938 pelo artigo de Paulo Thedim Barreto, na edição número 2 da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e conta com 31 páginas, croquis e 14 fotografias.

As discussões que culminam na Teoria da Recepção Estética, de Hans Robert Jauss, iniciam-se a partir de uma conferência na Universidade de Constança, na Alemanha, realizada em 1967, que discutiu a problemática da historiografia da literatura. Jauss propõe uma reflexão do papel do leitor e a sua relação com a literatura. O paralelo aqui criado com a teoria de Jauss é traçado ao considerar os viajantes como leitores de um espaço - aqui o Piauí - como literatura. O autor defende a historicidade da literatura não como uma “conexão de ‘fatos literários’” feita posteriormente, “mas no experimentar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores” (JAUSS, 1994, p. 24). Dessa forma, consideramos esse *experenciar* – como as viagens aqui selecionadas – dos viajantes pelo território piauiense – a literatura –, de forma a considerar uma relação dialógica de trocas entre leitor e literatura – viajantes e o Piauí –, sobrepondo experiências anteriores e experiências mútuas.

Para além da relação dialógica entre o leitor e a literatura, Hans Robert Jauss considera que há “implicações tanto estéticas quanto históricas”, de forma que as primeiras inferem uma “recepção primária de uma obra pelo leitor

---

algumas informações surgiram sobre um passado nazista de Jauss e questionamentos pertinentes passaram a permear a pesquisa sobre o legado do teórico alemão. Nesse sentido, aqui sugerimos a leitura do artigo *Memória de Tempos Sombrios* de Regina Zilberman (2017).

encerrar uma avaliação de seu valor estético, pela comparação com outras obras já lidas” (JAUSS, 1994, p. 23). Levando em consideração uma *obra lida* – o sertão piauiense –, poderíamos compará-la com as *outras obras lidas* – outros sertões – por Neiva, Penna e Barreto, os outros estados por eles visitados nas expedições em que chegaram ao Piauí, ou mesmo em outras ocasiões. E aqui levantamos alguns questionamentos sobre o Brasil dos Sertões: Qual o sertão? Onde fica o sertão? Quais as fronteiras desse sertão? O sertão piauiense faz parte do “grande sertão”? Existe um sertão piauiense? O sertão piauiense seria diferente dos demais sertões?

As implicações históricas estariam por sua vez relacionadas ao que o autor chama de *cadeia de recepções*: “a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética” (JAUSS, 1994, p. 23). Para tanto será relevante entender a narrativa histórica e literária por trás da formação do ideário de sertão, que acaba por fazer parte do ideário do Brasil como nação.

A junção destas implicações, ou mesmo a superposição das mesmas, acabam por criar uma estética e uma escrita do sertão, unindo um caráter geográfico, mas também imagético e simbólico, que Gilmar Arruda (2000) considera de caráter ambíguo, pois representa *realidades físicas concretas e elementos simbólicos culturais*.

Aqui iremos tratar as implicações históricas baseadas nas tentativas das delimitações das realidades físicas concretas, das discussões sobre a geografia dos sertões e da construção ou invenção do Nordeste como região e como parte integrante de um Brasil Nação. E, quanto às implicações estéticas, consideramos a construção dos elementos simbólicos culturais, os quais são erigidos também a partir do ideário nacionalista, mas dessa vez a partir de uma narrativa histórica, literária que culminará também numa estética sertaneja.

Há ainda uma consideração de Jauss importante para a estética da recepção com a qual podemos traçar outro paralelo entre os viajantes: o horizonte de expectativas. A qual o autor considera que

[...] para a análise da experiência do leitor ou da 'sociedade de leitores' de um tempo histórico determinado, necessita-se diferenciar, colocar e estabelecer a comunicação entre os dois lados da relação texto e leitor. (JAUSS, 2002, p. 73)

Assim se estabelecem efeito e recepção; o primeiro ato é relacionado ao texto, de forma interna à literatura – aqui considerado como o lugar, o Piauí; e o segundo, relacionado ao destinatário, o *mundivivencial* – aqui pertencente à figura do viajante, como leitor participante e oriundo de uma determinada sociedade (JAUSS, 2002, p. 73). Dessa forma, o “duplo horizonte” definido por Hans Robert Jauss, pode produzir “um momento de nova significação”.

Jauss considera que “compreender a obra de arte em sua história não é a mesma coisa do que apreendê-la na ‘história, segundo o horizonte histórico do seu nascimento, em sua função social e na ação que ela exerceu sobre a história’”<sup>3</sup> (FIGURELLI, 1988, p. 266). Sendo assim, o objetivo nesse artigo é apreender a literatura de viagem produzida à luz do horizonte histórico de quando acontece sua produção, da função social do próprio relato ou de quem o produz e ou quais impactos a mesma traz para a construção da história do Brasil dos Sertões.

Os estudos de Jauss pressupõem uma teoria sobre a experiência do leitor e considera que a comunicação literária só atinge uma função social quando se considera a inter-relação entre texto, seus leitores e os leitores entre si, uma relação que pressupõe um diálogo. Aqui colocamos em relevância a experiência dos viajantes pelos sertões do Piauí, a relação – ou não – deles com essas terras e desses profissionais entre si (FIGURELLI, 1988; JAUSS, 2002).

---

<sup>3</sup> Tradução de Roberto Figurelli (1988) de trecho da publicação de Hans Robert Jauss, datada de 1978, “Pour une esthétique de la réception”.

Na aproximação que fazemos, podemos citar como fatores de construção do *mundivivencial* desses leitores – Artur Neiva, Belisário Penna e Paulo Thedim Barreto - para além dos ideários das instituições que cada viajante trabalha e representa – IOCs e SPHAN, suas profissões – médicos e arquiteto, e suas origens – Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, respectivamente.

## HORIZONTE DE EXPECTATIVAS:

### OS VIAJANTES E SEU MUNDIVIVENCIAL

Para a temática em questão – o sertão – mesmo que com o recorte geográfico delimitado pelo estado do Piauí, é necessário ter ciência de toda a discussão do Brasil como Nação que se inicia em meados dos anos 1890 e alcança seu auge nos anos 1930<sup>4</sup>. A criação de instituições, como o SPHAN e o IOCS, e as viagens de especialistas e pesquisadores promovidas por estas, demonstram a necessidade do conhecimento de um país com dimensões continentais: o Brasil dos sertões.

As viagens empreendidas por instituições públicas brasileiras, com todo o ideário e suas metodologias, acabam por refletir um comportamento institucional<sup>5</sup>. As mesmas fazem o “uso de imagens fotográficas como fonte de conhecimento histórico”:

---

<sup>4</sup> Márcia Chuva (2003, p. 313) defende que esse projeto de nação foi um trabalho desenvolvido como parte de uma iniciativa de modernização encabeçado por Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde, figura influente na era Vargas: “Nesse projeto, a noção de interesse público prevaleceria, política ou simbolicamente, ante os interesses individuais. Foi este um dos caminhos em que se tornou possível promover o pensamento de unidade nacional, especialmente dentro do Estado Novo: era preciso escapar do individual, que era fragmentário, em busca do público ou do bem comum, unificador. Somente a unidade das origens e a ancestralidade comum de toda a nação deveriam servir para ordenar o caos, encerrar os conflitos, irmanar o povo e civilizá-lo”.

<sup>5</sup> Michel de Certeau (1982) quando discute a inserção do historiador na sociedade: “os métodos são meios graças aos quais se protege, se diferencia e se manifesta o poder de um corpo de mestres e letrados” e “estes ‘métodos’ esboçam um comportamento institucional e as leis de um meio”. Certeau ressalta ainda as determinações sociais e as imposições advindas delas, considerando que as mesmas fazem parte da construção historiográfica. Aqui, trazemos esses pesquisadores – com diferentes formações e origens - como pertencentes a instituições que

As fontes tradicionais de pesquisa revelaram-se insuficientes para dar conta dos temas que passaram a integrar o novo campo de trabalho do historiador e outros tipos de documentos foram incorporados a esse universo, entre eles a produção literária, os depoimentos orais e as imagens. (MELLO; PIRES-ALVES, 2009)

A viagem de Penna e Neiva iniciou-se no ano de 1912, faz parte de um conjunto de expedições empreendidas pelo Instituto Oswaldo Cruz, Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), a Estrada de Ferro Central do Brasil e a Superintendência de Defesa da Borracha. Esse conjunto de iniciativas

Mostra-nos a intensa atividade dos cientistas que percorreram regiões muito pouco conhecidas do território, realizando simultaneamente ações de profilaxia de doenças e intenso trabalho de identificação da ocorrência de moléstias infecciosas e suas formas de transmissão, com expressivo impacto no desenvolvimento de linhas de pesquisa e no enriquecimento das coleções científicas. (CASA OSWALDO CRUZ, 1992, p. 15)

Mais do que expedições científicas, os relatos e fotografias dessas viagens, revelam a dinâmica da sociedade, a organização das cidades e povoados, os costumes e vestuários dos moradores, a arquitetura e o modo de construir do sertanejo.

Talvez mais do que revelar o Brasil dos sertões, como se afirmava nos relatórios e nos textos publicados pela imprensa nas três primeiras décadas do século XX, as imagens nos falam do encontro entre cientistas e populações do interior sob a mediação da lente dos fotógrafos. Imagens-força como ideia-força era a do saneamento. Registros dos caminhos percorridos pelos trilhos das estradas de ferro; pelo São Francisco, por lugares onde contraditoriamente os pesquisadores pareciam, ao mesmo tempo, penetrar um outro país e estar mais perto do Brasil. Imagens que muitas vezes contradizem a monotonia dos textos dos relatórios com sua ênfase na doença e no atraso. (CASA OSWALDO CRUZ, 1992, p.15)

---

possuem ideários e metodologias que se reforçam, de forma que a maneira como retratam essas localidades, suas peculiaridades e seus indivíduos está embebida de todas essas questões.



Há ainda outra expedição que passa pelo Piauí, em 1912, liderada por João Pedro de Albuquerque e José Gomes Faria, em que não houve a produção de relatório ou publicações originais, existindo apenas fotografias, que atualmente encontram-se no acervo da Casa Oswaldo Cruz. Os pesquisadores passaram pelas cidades de Parnaíba, Teresina, Amarante e Floriano e a expedição é marcada por

[...] intenso uso da fotografia, um minucioso registro das condições de vida da população interiorana, seus hábitos, suas técnicas, sua mentalidade, associando às questões sanitárias os aspectos socioeconômicos, culturais e ambientais das regiões percorridas. (CASA OSWALDO CRUZ, 1992, p.26)

É exatamente a partir do início da atuação da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS) que se começa a utilizar o termo Nordeste, que por sua vez era parte integrante de um discurso institucional:

[...] o Nordeste surge como a parte do Norte sujeita a estiagens e, por essa razão, merecedora de especial atenção do poder público federal. O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito desse fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-la como problema mais importante desta área. Estes discursos, bem como todas as práticas que este fenômeno suscita, paulatinamente instituem-no como um recorte espacial específico, no país. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 81)

A Inspeção de Obras Contra as Secas – IOCS – foi fundada no ano de 1909, décadas depois da grande seca de 1877 que começou a chamar atenção do Brasil para a questão do Nordeste. Mas nessa época ainda não existia o termo Nordeste, o termo passou a ser utilizado somente em 1919, inicialmente apenas para apontar a área de atuação do agora da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas. Na época do governo do presidente Epitácio Pessoa (1919-1922), paraibano, o órgão recebeu atenção especial, mas só iria ter capital e enfrentar obras contra as secas e de integração décadas depois (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012; POMPONET, 2009).

A relevância dos relatos verbais e não verbais produzidos nessas viagens se dá no fato de revelar diversos aspectos de populações isoladas – os sertanejos –, de pouco conhecimento público. Tais fontes documentais já foram bastante trabalhadas na área das ciências da saúde, mas é também um rico e inédito acervo para a pesquisa da história da arquitetura e do urbanismo, por registrar povoações e cidades periféricas – e, até, sua produção arquitetônica e urbanística - pouco ou nada conhecidas.

Ao percorrer extensas áreas da Amazônia e da região Nordeste, os expedicionários, que partiam de Manguinhos, no Rio de Janeiro, não só realizaram o levantamento das condições médico-sanitárias da população, como também possibilitaram um minucioso registro dos aspectos geográficos, econômicos e sócio-culturais dos lugares visitados. Noticiados na época, os fatos relatados pelos sanitaristas causaram formidável impacto nos moradores dos centros urbanos, que desconheciam a dura realidade vivida pelo brasileiro do interior. As informações trazidas por essas expedições científicas insuflaram os debates sobre a constituição de uma identidade nacional, e alguns de seus protagonistas viriam a se engajar, de corpo e alma, nas controvérsias políticas e culturais que iriam marcar a falência da República Velha e o começo do regime estabelecido pela Revolução de 1930. (CASA OSWALDO CRUZ, 1992, p.16)

Belisário Augusto de Oliveira Penna é mineiro, nascido em 1868, na cidade de Barbacena, filho de família abastada – o pai, barão e visconde de Carandaí e a mãe Lina Laje Penna. Médico, formado na Bahia na década de 1890, voltou à cidade natal e iniciou sua vida política como vereador, na capital do estado foi membro do Congresso Industrial, Comercial e Agrícola. Logo após passar no concurso de inspetor sanitário da Diretoria Geral de Saúde Pública, passou a morar no Rio de Janeiro, então capital federal e em 1905 integra a equipe de Oswaldo Cruz. A partir daí, até 1910, Belisário participa de expedições pelo Brasil a fim de erradicar doenças como febre amarela e malária por diversos estados brasileiros – nordeste de Minas, Rondônia, Belém (CPDOC FGV, 2019).

Em 1912, Belisário passa a fazer parte de um grupo científico que viaja pelo Nordeste – Bahia, Pernambuco, Piauí – e Goiás, levantando doenças e condições sanitárias das populações locais. Em 1913, faz mais viagens, dessa

vez ao sul do Brasil – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul –, agora sem representar nenhuma instituição pública. E nos anos que se sucederam continuou os trabalhos envolvendo sanitarismo, saneamento e saúde tanto em órgãos públicos – fazendo parte do governo Vargas –, quanto privados (CPDOC FGV, 2019).

Artur Neiva, baiano, nascido em 1880, na cidade de Salvador, iniciou os estudos na Faculdade de Medicina na Bahia, mas teria concluído apenas no Rio de Janeiro em 1903. Em 1906, passa a integrar a equipe de Oswaldo Cruz, no Instituto Fitoterápico, que em 1907 se tornaria o Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos, o qual em 1908 receberia o nome atual de Instituto Oswaldo Cruz. Assim como Belisário Penna, dedicou-se ao estudo de doenças infecciosas, também viajando por todo o Brasil, e em 1912 juntos chefiaram a *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí [sic]*. Artur Neiva é quem assina o relatório da expedição.

A última viagem, e talvez a mais conhecida em relação aos estudos de arquitetura e urbanismo do Piauí, é a de Paulo Thedim Barreto, que deu origem ao artigo *O Piauí e Sua Arquitetura* publicado na revista número 2 do SPHAN. Esse artigo é considerado o primeiro estudo sistematizado e publicado sobre arquitetura piauiense na historiografia especializada (DUQUE; TEIXEIRA, 2017). Para além dos registros importantes já discutidos e citados em inúmeros trabalhos acadêmicos, há também um relevante e inédito acervo fotográfico a ser trabalhado e analisado.

Para entender a publicação desse artigo numa revista que tem por objetivo divulgar conhecimento, valores da arte e da história do Brasil, precisamos entender o ideário por trás da construção desse conhecimento e desses valores, os quais estão intrinsecamente interligados com a criação de uma nação moderna e de uma identidade nacional, de forma que a arte, a história e o patrimônio precisavam representá-las. Fonseca (2005) traz as discussões acerca da legitimação do patrimônio utilizando o valor de nacionalidade buscando referências desde os séculos XVII e XVIII ressalta que “a noção de

patrimônio se inseriu [...] no projeto mais amplo de construção de uma identidade nacional, e passou a servir ao processo de consolidação dos Estados-nações modernos” e que “vinha cumprir inúmeras funções simbólicas” (FONSECA, 2005, p. 59).

A viagem de Barreto marca as primeiras ações do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional criado em 1936, permeado pelo ideário criado por Lúcio Costa da arquitetura moderna brasileira, que se utilizava de uma matriz fusionista que fazia referência ao português colonizador e uma América indígena, tentava dar conta insuficientemente da diversidade étnico-cultural brasileira e obviamente excluía muitas das questões raciais e manifestações culturais. Mas a ideia principal elaborada é a de um Brasil que se propunha nação, de uma história coesa e cultural e que precisava ser protegida e considerada patrimônio.

A noção de patrimônio nacional e identidade nacional brasileiros acaba sendo discutida em paralelo ao movimento moderno no Brasil e, assim, a necessidade da construção da coesão nacional, citada acima, é abraçada pelo governo Vargas<sup>6</sup> e uma história nacional é construída a partir de uma elite intelectual e cultural brasileira. A conservação desses bens, ditos de interesse nacional e divulgado pelas publicações, é de responsabilidade de um órgão estatal nacional, como o SPHAN, que além de proteger e conservar, deve alcançar a população brasileira de forma pedagógica, instruindo o que é a nação e o que é representativo neste ideário de nação que está se construindo. Assim, as publicações do SPHAN são o veículo para atingir à população brasileira e definir quais os símbolos, ajudam, não só a construir, mas fortalecer ‘o mito de origem’ e sua ‘versão da ocupação do território’ legitimando o governo atual – Getúlio Vargas.

Paulo Thedim Barreto (1906-1973), arquiteto, integra a equipe inicial do SPHAN, e segundo Cavalcanti (2006) não pertence ao grupo de arquitetos modernos

---

<sup>6</sup> Getúlio Vargas governa o país de 1930 a 1945.

brasileiros, liderado por Lúcio Costa. Barreto, “exímio desenhista”, teria sido indicado a Rodrigo de Melo Franco, presidente da instituição, “pelos religiosos do mosteiro de São Bento, onde havia realizado cuidadoso levantamento do conjunto arquitetônico”. Na instituição seu trabalho teria sido dedicado “à pesquisa dos traçados reguladores nas igrejas barrocas mineiras, com destaque para a obra de Aleijadinho” (CAVALCANTI, 2006, p. 109).

Paulo Barreto visita o Piauí no ano de 1938 do litoral ao interior, passando pela capital Teresina, e pelas cidades e comunidades de Livramento, Campo Maior, Piripiri, Piracuruca, Buriti dos Lopes, Parnaíba, Natal, Baixão, Ipiranga, Barro Duro, Coroatá e Valença (BARRETO, 1938, p. 201). O arquiteto assinala ainda o encontro com outro funcionário do SPHAN, Luís Saia, que estaria percorrendo também o estado piauiense designado por Mário de Andrade para o registro do patrimônio imaterial por meio das Missões de Pesquisas Folclóricas e teria visitado pelo menos duas cidades – Valença e Jaicós<sup>7</sup> (ALVARENGA, 1950). Segundo levantamentos do IPHAN (2006), Barreto teria fotografado o estado do Piauí também nas décadas de 1940, 1960 e 1970. Outra viagem através do IPHAN teria sido realizada ao Piauí pela Companhia Latino Americana de Projetos (CLAP), empresa carioca que teria atuado na elaboração de projetos de restauração e preservação para a cidade de Oeiras, na década de 1970.

As viagens e fotografias oriundas dessas expedições foram uma prática corrente do SPHAN desde a sua criação até meados da década de 1960:

[...] as fotografias, mais do que instrumentos de trabalho, articulavam-se às concepções patrimoniais existentes e,

---

<sup>7</sup> A viagem de Luís Saia faz parte do projeto conhecido por Missão de Pesquisas Folclóricas, idealizado por Mário de Andrade através do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo. O projeto tinha como “objetivo de investigar aspectos formadores da identidade nacional” e viajou pelo Norte e Nordeste registrando manifestações folclóricas, e, além de cantigas e danças, “trouxeram instrumentos musicais, objetos de culto, peças utilitárias, fotos, reproduções de desenhos, gravações musicais e filmes” (CCSP, 2019, p.1). Luís Saia apresenta diário de viagens com croquis, descrições detalhadas dos modos de construir, costumes e fotografias e é acompanhado de Martin Braunwieser, músico austríaco, que também apresenta um caderno detalhado de toda a expedição com descrições das atividades da Missão e do material encontrado.

assim, constituíam um olhar específico sobre objetos artísticos, edificações, cidades e paisagens. São, portanto, consideradas parte integrante do patrimônio cultural brasileiro. (FONSECA, CERQUEIRA; 2006 p. 14)

## IMPLICAÇÕES ESTÉTICAS: O BRASIL DOS SERTÕES E A NARRATIVA SEM FRONTEIRAS

Se as *implicações estéticas* de Jauss sugerem uma comparação com as demais obras lidas, aqui sugerimos a discussão do Brasil dos sertões. Onde é o sertão? O que delimita o sertão? O sertão piauiense faz parte da grande narrativa? O sertão piauiense seria diferente do resto do Brasil dos sertões? Sendo o Piauí a leitura que pretendemos discutir, quais outras literaturas os viajantes aqui estudados teriam experienciado? Paulo Thedim Barreto teria visitado o estado do Maranhão antes de chegar ao território piauiense<sup>8</sup>, Neiva e Penna passaram pela Bahia, Pernambuco e Goiás<sup>9</sup>.

Arruda (2000) utiliza alguns trechos do livro *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa - “O sertão é sem lugar, [...] o sertão é do tamanho do mundo, [...] o sertão está em toda parte”<sup>10</sup> para justificar que se faz necessário uma delimitação da abrangência que se pretende ao trabalhar esta temática. Se é que é possível identificar algum limite geográfico, conceitual ou simbólico dos sertões, ou até mesmo do Nordeste.

Janaína Amado (1995) remonta a utilização da palavra sertão por portugueses desde o século XII, para referir-se a “áreas situadas dentro de Portugal, porém distantes de Lisboa” e durante a expansão do então império Português “com o sentido já apontado, de grandes espaços interiores, pouco ou nada conhecidos” (AMADO, 1995, p. 147). Sertão esse que a autora considera

---

<sup>8</sup> Paulo Thedim Barreto (1938) traz inúmeras comparações entre arquitetura piauiense e maranhense, demonstrando conhecer o estado do Maranhão e suas particularidades.

<sup>9</sup> O trajeto da expedição de Penna e Neiva pode ser consultado no relatório publicado em 1916 (NEIVA, PENNA; 1916).

<sup>10</sup> (ROSA, 2001, p. 24, 89 e 370).

uma das categorias mais recorrentes no pensamento social brasileiro, especialmente no conjunto de nossa historiografia. Está presente desde o século XVI, nos relatos dos curiosos, cronistas e viajantes que visitaram o país e o descreveram, assim como, a partir do século XVII, aparece nas primeiras tentativas de elaboração de uma história do Brasil [...]. No período compreendido entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, mais precisamente entre 1870 e 1940, “sertão” chegou a constituir categoria absolutamente essencial (mesmo quando rejeitada) em todas as construções historiográficas que tinham como tema básico a nação brasileira. (AMADO, 1995, p.146)

Para Gilmar Arruda, o termo sertão apresenta caráter ambíguo, pois representa “realidades físicas concretas” e “elementos simbólicos culturais”. O autor ainda considera que o sertão é um lugar de memória e, portanto, “as descrições e memórias de viagens realizadas por quem percorreu um espaço denominado sertão, podem ser tomadas como elementos de construção dos lugares de memória” (ARRUDA, 2000, p. 166).

O dicionário define sertão como

1. Região do interior, com povoação escassa e longe dos núcleos urbanos, onde a pecuária se sobrepõe às atividades agrícolas; 2. Região de vegetação esparsa e solo arenoso e salitroso, sujeito a secas periódicas; 3. Terreno de mato, afastado da costa; 4. O interior do país. (MICHAELIS, 2019)

Como bem define o dicionário, o sertão é o interior do país, terras desconhecidas, longe do urbano, e deve ser incorporada pela nação, integrada. Para isso viagens, técnicos e intelectuais precisam conhecer e adicionar à nação brasileira os sertões desconhecidos e, assim acontece o que Albuquerque Júnior chama de marcha para o Oeste, quando no pós-30, o Estado demonstra “um nítido caráter geopolítico de integração dos grandes espaços interioranos à nação” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 67).

Albuquerque Júnior (2011) fala do Nordeste como uma *paisagem imaginária* do Brasil nos anos 1910, “substituindo a antiga divisão regional do país entre Norte e Sul” e essa “necessidade de reterritorialização leva a um exaustivo levantamento da natureza, bem como da história econômica e social da área,

ao lado de todo um esforço de elaboração de uma memória social, cultural e artística que pudesse servir de base para sua instituição como região” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 80).

O Nordeste não é um fato inerte na natureza. Não está dado desde sempre. Os recortes geográficos, as regiões são fatos humanos, são pedaços de história, magma de enfrentamentos que se cristalizaram, são ilusórios ancoradouros da lava da luta social que um dia veio à tona e correu sobre este território. O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 79)

“Até meados da década de 1910, o Nordeste não existia” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 13). E é a seca que coloca este lugar no mapa, ela que chama atenção do “sul”. Ainda para o autor, a seca é o “primeiro traço definidor” da região que ainda era conhecida por norte, é o problema das estiagens que difere primeiramente a região do sul, “num momento em que o meio é considerado, ao lado da raça, como fatores determinantes da organização social” para além da organização geográfica (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 81). Assim,

O sertão aparece como o lugar onde a nacionalidade se esconde, livre das influências estrangeiras. O sertão é aí muito mais um espaço substancial, emocional, do que um recorte territorial preciso; é uma imagem-força que procura conjugar elementos geográficos, linguísticos, culturais, modos de vida, bem como fatos históricos de interiorização como as bandeiras, as entradas, a mineração, a garimpagem, o cangaço, o latifúndio, o messianismo, as pequenas cidades, as secas, os êxodos etc. O sertão surge como a colagem dessas imagens, sempre vistas como exóticas, distantes da civilização litorânea. É uma ideia que remete ao interior, à alma, à essência do país, onde estariam escondidas suas raízes. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 67)

Ainda para o autor, o Nordeste foi inventado na História do Brasil recentemente e, dessa forma, ele não pode ser analisado fora deste contexto histórico, pois não há como naturalizar e reduzir toda essa carga simbólica e cultural a um “simples recorte geográfico naturalizado”. Para ele, o Nordeste nasce de uma sequência de práticas regionalizantes, dentro do ideário de



Nação, e a partir da união de diversos interessados que precisaram defender sua região quando uma realidade de decrescimento econômico e, portanto, político se avizinhou (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 241).

## **IMPLICAÇÃO HISTÓRICA E CADEIA DE RECEPÇÕES:**

### **NARRATIVA HISTÓRICA E LITERÁRIA**

Para além das iniciativas científicas e do desbravamento de fronteiras geográficas, havia uma construção simbólica e cultural sendo elaborada paralelamente através das diversas ciências, mas, sobretudo da literatura

[...] quando o realismo paisagístico dá lugar, diríamos, a um “paisagismo histórico”, em que a simples descrição do Brasil como um conjunto de paisagens atemporais dá lugar a uma visão genealógica das diversas áreas do país de sua população, mais precisamente de suas “elites”. Emerge um narrador oligárquico, provinciano, que se especializa em escrever a partir da história de suas províncias e das parentelas dominantes. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 65)

Assim como o ideário do SPHAN, criado por Mário de Andrade, tributário das construções de Lúcio Costa,

[...] a literatura regionalista procura afirmar a brasilidade por meio da diversidade, ou seja, pela manutenção das diferenças peculiares de tipos e personagens; por paisagens sociais e históricas de cada área do país, reduzindo a nação a um simples somatório dessas espacialidades literárias diversas. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 66)

Para Fonseca (2005) não só na literatura, mas também nas artes plásticas, os anos 1930 demonstram uma mudança em relação à década anterior utilizando uma ideologia como projeto, mais realista e figurativo e ainda se propunha com uma “ensaística que procurava ser científica” e “conferiam à noção de identidade nacional uma positividade e um tom afirmativo” (FONSECA, 2005, p. 87).

Em outro campo das artes, de produção e discussão mais recentes, Ivana Bentes (2007) defende que o cinema – utilizando como estudo de caso os

filmes *Vidas Secas*<sup>11</sup> e *Deus e o Diabo na Terra do Sol*<sup>12</sup> – inventou uma estética e uma escrita do sertão. Aqui, através dos relatos em estudo e as demais referências expostas na linha do tempo que constroem as implicações estéticas aqui expostas, defende-se que essa escrita e estética vem sendo construída desde as fotografias de Flávio de Barros do Arraial de Canudos, em 1897, juntamente com as reportagens do jornal *O Estado de São Paulo* assinadas pelo engenheiro militar Euclides da Cunha, seguidas de *Os Sertões*, publicado em 1906 (Figura 1). Para Joana Barros, as “fotografias e reportagens foram elementos acionados com vistas de expor ao público, dar ciência e construir os pilares do novo regime republicano” (BARROS, 2019, p. 23).

Ainda para Bentes (2007) o cinema, mesmo contemporâneo, “transformam o sertão num jardim ou museu exótico, a ser ‘resgatado’ pelo grande espetáculo”, na presente pesquisa, acreditamos que os leitores – os viajantes – sejam eles médicos sanitaristas, como Belisário Penna e Artur Neiva, arquitetos, como Paulo Thedim Barreto, fotógrafos e jornalistas, como Flávio de Barros e Euclides da Cunha, estão conhecendo e resgatando o Brasil desconhecido, o Brasil exótico, o Brasil dos Sertões e mais, este “é um espaço visto como repositório de uma cultura folclórica, tradicional, base para o estabelecimento da cultura nacional” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 67).

Os textos de Artur Neiva, Paulo Thedim Barreto e Luís Saia muito se utilizam das palavras sertão e sertanejo, o que pode demonstrar estarem permeados de todas as discussões e a produção literária da época acerca da temática dos sertões bastante profícua nas primeiras quatro décadas do século XX.

A proposta de conhecimento dos sertões brasileiros é analisada como expressão de um movimento de forte conteúdo simbólico que acompanhou os projetos de delimitação de fronteiras, saneamento e integração econômica e política. Dado seu impacto na formação de matrizes do pensamento social brasileiro. (LIMA, 1998, p. 1)

---

<sup>11</sup> Filme dirigido por Nelson Pereira dos Santos, de 1963, baseado no livro homônimo de autoria de Graciliano Ramos.

<sup>12</sup> Filme dirigido por Glauber Rocha, de 1964.

Consideramos que as viagens aqui trabalhadas fazem parte de um amplo processo de construção de conceitos, imagem, estética e narrativa – uma *cadeia de recepções* – que pode ser um pouco entendida quando se lista a produção literária em paralelo com os demais acontecimentos como viagens e criação de instituições públicas (conforme destacado na Figura 1).

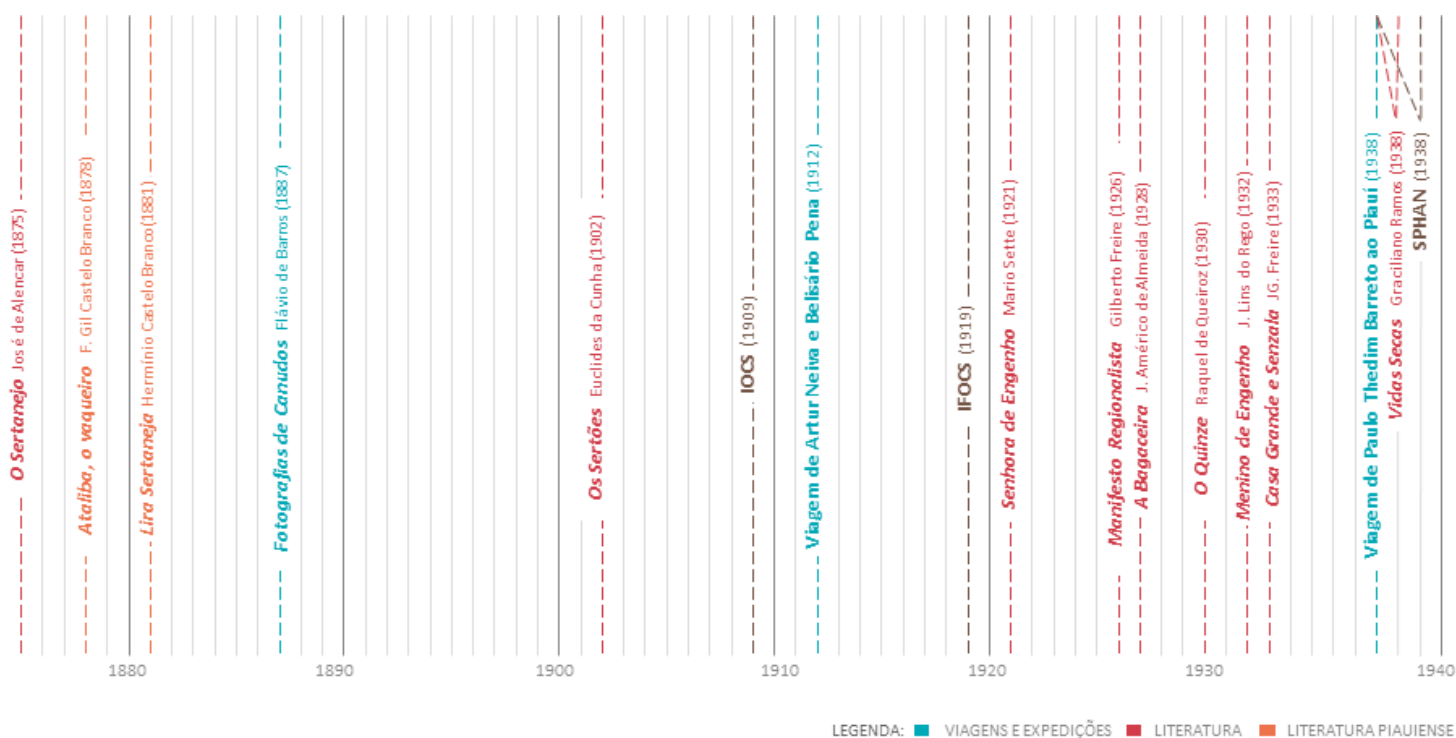


Figura 1: Linha do tempo de viagens e publicações realizadas.  
Fonte: Elaboração da autora (2019).

Vendo a linha do tempo acima (Figura 1), o sertão do Ceará retratado em *O Sertanejo* e *O Quinze*, o Piauí em *Ataliba, o Vaqueiro* e *Lira Sertaneja*, a Bahia de *Os Sertões*, o Pernambuco de *Senhora de Engenho*, a Paraíba de *Menino de Engenho* e o sertão mineiro de *Vidas Secas* com todas as suas particularidades e especificidades formam em conjunto com essa série de expedições, pesquisas e reportagens uma cadeia de recepção, uma sobreposição de camadas, como considera Jauss, quando as primeiras impressões acabam por manter uma continuidade. E, assim, o sertão – ora particular e específico –

ganha um caráter nacional, unificador, mas também que recai numa simplificação, que por sua vez pode ganhar um caráter folclórico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ana Maria Beluzzo, estudando os primeiros viajantes a documentar o território brasileiro, nos apresenta uma aproximação com o que discutimos sobre o *mundivivencial* dos viajantes, na qual a literatura produzida nos “A iconografia dos viajantes oferece uma história de pontos de vista, de distâncias entre observações, de triangulações do olhar”. Assim, mais do que nos descrever o Piauí e suas particularidades, os viajantes são os leitores do espaço, seu horizonte de expectativas e seus perfis pessoais e profissionais: “mais do que enxergar a vida e a paisagem”, refletem uma “espessa camada da representação” que está intrinsecamente ligada ao *mundivivencial* do leitor e acaba por nos contar uma versão dos fatos vividos, ou melhor, lidos. (BELUZZO, 1999<sup>a</sup>, p. 13) Aqui, o *duplo horizonte* apontado por Hans Robert Jauss, se faz pertinente, pois, a junção de todos esses fatores acaba por criar o que o autor trata por “um momento de nova significação”.

Ainda para Beluzzo (1996, p. 10). “as imagens elaboradas pelos viajantes participam da construção da identidade europeia”, de forma análoga, as imagens verbais e não verbais apresentadas por viajantes brasileiros que percorrem regiões desconhecidas do Brasil – os sertões – acabam por construir a identidade desse Brasil que se pretende nação, mas que reflete um ideário construído por instituições públicas – SPHAN e IOCS, por exemplo – que se inicia a partir de interesses e centros geográficos bem definidos e que, apesar de se interessar pela pluralidade étnica e cultural brasileiras, mantém-se dentro da matriz fusionista e elitizada defendida por Mário de Andrade.

O discurso regionalista não é apenas um discurso ideológico, que desfiguraria uma pretensa essência do Nordeste ou de outra região. O discurso regionalista não mascara a verdade da região, ele a institui. [...] Essas figuras, signos, temas que são destacados para preencher a imagem da região, impõem-se como verdades pela

repetição, o que lhes dá consistência interna e faz com que tal arquivo de imagens e textos possa ser agenciado e vir a compor discursos que partem de paradigmas teóricos os mais diferenciados. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 63)

Acreditamos que o aspecto *mundivivencial* das pessoas e das instituições envolvidas no (re)descobrimento do Brasil dos Sertões, as implicações históricas e estéticas são superpostas e se cruzam em vários pontos, para formar essa escrita, imagem e estética dos sertões nordestinos, muitas vezes simplificadas, reduzidas e, assim, folclorizadas.

Para Paulo Barreto, arquiteto, os costumes e vivências dos piauienses demonstram implicações na arquitetura produzida, na organização dos interiores das casas e do território, mas também na utilização do mobiliário. Para Artur Neiva, médico sanitário, costumes e vivências acabam implicando nas condições sanitárias e na qualidade de vida dos habitantes do Piauí.

Dessa forma, se faz necessário a revisitação dessas discussões, leituras e literaturas produzidas – mesmo quando realizadas por médicos sanitários –, utilizando novas metodologias de diversas áreas, como a Teoria e História da Arquitetura, e abordando novos recortes – como o Piauí – para que se redescubra as particularidades do Brasil dos Sertões.

Assim, entendemos que a literatura de viagem selecionada, aqui utilizada como estudo de caso, também faz parte de um amplo processo de construção de conceitos, imagens, estéticas e narrativas que podem ser percebidas principalmente quando se observa a produção literária regionalista nacional e piauiense, como o livro *Ataliba, o vaqueiro* de Francisco Gil Castelo Branco, em paralelo à criação e atuação de instituições públicas – como o IOCS, IFOCS, SPHAN – e realização de viagens pelos sertões como um processo de produção de conhecimento (ver Figura 1).

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1999.
- ALVARENGA, Oneyda (Org.). *Catálogo Ilustrado do Museu Folclórico*. São Paulo: Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, 1950.
- AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. *Estudos Históricos*. Vol. 8, n.15, p. 145-151, 1995.
- BARRETO, Paulo Thedim. *Piauí e A Sua Arquitetura*. In: *Arquitetura Civil I: Textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* São Paulo: FAUUSP e MECIPHAN, 1975. P. 191-219.
- BARRETO, Paulo Thedim. *Piauí e A Sua Arquitetura*. In: *Arquitetura e Urbanismo*. Rio de Janeiro, SPHAN, 1940.
- BARRETO, Paulo Thedim. *Piauí e A Sua Arquitetura*. In: *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, n.2, 1938.
- BARROS, Joana. Desenvolvimento e narrativas do atraso: a campanha contra canudos e as veredas da resistência. : a Campanha contra Canudos e as veredas da resistência. In: BARROS, Joana; PRIETO, Gustavo; MARINHO, Caio (org.). *Sertão, Sertões: repensando contradições, construindo veredas*. Repensando contradições, construindo veredas. São Paulo: Elefante, 2019. p. 18-35.
- BELUZZO, A. M. *O Brasil dos viajantes*. Rio de Janeiro: Objetiva-Metalivros, 1999.
- BELUZZO, A. M. *O viajante e a paisagem brasileira*. Porto Arte: UFRGS, v. 25, p. 41-57, 2008.
- CAVALCANTI, Lauro. *Moderno e brasileiro: a história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- Centro de Pesquisa e Documentação de História e Contemporânea do Brasil Da FGV (CPDOC FGV). *Belisário Pena*. Acesso em: 27 de outubro de 2019. Disponível: [https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/belisario\\_pena](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/belisario_pena)
- Centro de Pesquisa e Documentação de História e Contemporânea do Brasil Da FGV (CPDOC FGV). *Artur Neiva*. Acesso em: 27 de outubro de 2019. Disponível: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/neiva-artur>
- DUQUE, Raiane Rosi; TEIXEIRA, Marina Lages Gonçalves. *Produção Da Historiografia Da Arquitetura e Urbanismo No Piauí*. In: *Anais do 5º*

Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação. Anais. Belo Horizonte (MG): UFMG, 2018.

- FIGURELLI, Roberto. Hans Robert Jauss e a Estética Da Recepção. *Revista Letras*, [s.l.], v. 37, p. 265-285, 9 out. 1988. Universidade Federal do Paraná.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Minc e IPHAN, 2005.
- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa De Oswaldo Cruz. *A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1992. 154 p.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). Coordenação-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência. *A fotografia na preservação do patrimônio cultural: uma abordagem preliminar*. Coordenação Francisca Helena Barbosa Lima, Mônica Muniz Melhem, Oscar Henrique Liberal de Brito e Cunha. Rio de Janeiro: IPHAN, COPEDOC, 2008.
- JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1994.
- LIMA, N. T. *Um sertão chamado Brasil*. 2ed. São Paulo: Hucitec, 2013.
- NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. *Expedição pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, v.8, n.3, p.74-224. 1916
- POMPONET, André Silva. 100 anos de DNOCS: marchas e contramarchas da convivência com as secas. : marchas e contramarchas da convivência com as secas. *Conjuntura e Planejamento*, Salvador, n. 162, jan-mar, p. 58-65, 2009.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão Veredas*. 19ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ZILBERMAN, Regina. Memórias de tempos sombrios. *Estud. Lit. Bras. Contemp.*, Brasília, n. 52, p. 9-30, Dez. 2017.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Linha do tempo de viagens e publicações realizadas.

Fonte: Elaboração das autoras (2019). – pág.: 71